

PHILIPPA  
GREGORY

*Um Comércio  
Respeitável*

Tradução de  
Maria do Carmo Figueira

# I

Mehuru acordou ao nascer do dia sentindo o ar fresco no seu corpo estendido. Abriu os olhos na penumbra e inspirou profundamente, como se a leve brisa pudesse trazer consigo um aroma desconhecido. Na sua mente ainda permaneciam resquícios do sonho que tivera, uma visão perturbadora de um navio a levantar âncora entre sombras e a navegar lentamente através de um desfiladeiro profundo e rochoso.

Levantou-se da tarimba onde dormia, embrulhou-se num lençol e foi calmamente até à porta. A cidade de Oyo estava em silêncio. Olhou para a rua; não se via qualquer luz. Só nas densas paredes do palácio conseguia ver uma luz a deslocar-se à medida que um criado percorria as diversas divisões e o brilho da tocha que empunhava ia iluminando cada uma das janelas por onde passava.

Não havia nada a temer, não havia nada a incomodá-lo, mas, apesar disso, estava alerta e à escuta, como se o piar das corujas que andavam à caça ou os pequenos guinchos dos morcegos pendurados à volta das torres de pedra do palácio pudessem estar a avisá-lo de qualquer coisa.

Sentiu um ligeiro arrepio e afastou-se da porta. O sonho tinha sido muito nítido – apenas a imagem de uma corda a cair de um cais de pedra e a serpentear pela água até junto à proa de um navio e a subir pela parte lateral como se estivessem a puxá-la e, depois, o navio a afastar-se de terra, silenciosamente. Numa imagem assim não devia haver nada a temer, mas o sonho fora obscurecido por uma sensação de ameaça, da qual Mehuru ainda não conseguira libertar-se.

Em voz baixa, chamou o escravo Siko, que dormia aos pés da sua cama.

– Faz chá – ordenou-lhe secamente quando o rapaz apareceu, ainda a esfregar os olhos.

– Estamos a meio da noite – protestou o rapaz, mas calou-se ao ver a expressão de Mehuru. – Assim farei, meu senhor.

Mehuru esperou junto à porta que o rapaz lhe depositasse na mão a pequena taça de bronze com chá de hortelã. O aroma intenso que dele emanava reconfortou-o. No sonho havia um cheiro terrível, um cheiro a morte e doença, como se o navio que partira por entre a escuridão, sem deixar rasto na água gordurosa, transportasse carne putrefacta.

Aquele sonho devia ter um significado qualquer. Mehuru fora preparado para ser *obalawa* – sacerdote – e transformara-se num dos mais importantes do país. Devia saber decifrar os seus próprios sonhos.

O céu clareava sobre os telhados da cidade, brilhando como uma pérola envolta em nuvens finas como musselina. Enquanto as observava, foram-se dissipando, e a cor do céu acentuou-se lentamente num tom acinzentado, passando depois a um azul-pálido enublado. Na linha do horizonte, a oriente, o sol despontou, como um disco branco a arder.

Mehuru sacudiu a cabeça para se libertar do sonho. Tinha pela frente um dia muito ocupado: uma reunião no palácio e a oportunidade de mostrar que era um homem decidido e ambicioso. Esqueceu o sonho. Se voltasse a lembrar-se dele, tentaria então interpretá-lo. O dia aproximava-se em tons brilhantes de creme e branco – promissor. Mehuru não queria que um dia assim fosse ensombrado pela silhueta obscura de um navio visto em sonhos. Voltou para dentro e mandou Siko aquecer água para se lavar e preparar as suas melhores vestes.

No porto de Bristol – onde a água salgada se encontra com a água doce no canal de Bristol – o navio negreiro *Daisy* dispensou o piloto que o guiara pela estreita e traiçoeira garganta do Avon e separou-se das barcaças que o haviam rebocado em segurança até ao mar. Içou as velas quando o sol nasceu e se levantou um vento ligeiro vindo de oeste. O capitão Lisle abriu os mapas à sua frente e traçou a rota até à costa de África, no ponto onde ficava a Guiné. O criado já lhe preparara uma camisa lavada e água para se lavar. Tornou a deitá-la jarro de porcelana, que segurou cuidadosamente com as mãos calejadas e sujas. Demorariam pelo menos dois meses

até largarem ferro em África, e o capitão Lisle não era homem para desperdiçar água limpa.

Cole & Sons,  
Cais de Redcliff,  
Bristol.

Segunda-feira, 15 de setembro de 1787

*Cara Miss Scott,*

*Tomei a liberdade de Vos contactar diretamente sobre um assunto delicado que talvez devesse ser tratado com o Senhor Vosso tio. No entanto, como ainda não conheço Sua Senhoria e como me dissestes que tendes de ganhar a vida, talvez a minha ousadia possa ser perdoada.*

*Foi para mim um grande prazer conhecer-Vos no meu entreposto quando Vos candidatastes ao lugar de governanta, mas as Vossas relações familiares e boas maneiras convenceram-me de que jamais poderia considerar-Vos minha empregada. Foi essa percepção que me levou a concluir tão rapidamente a entrevista.*

*Tive depois uma ideia que Vos comunico pela presente: A saber, que gostaria de poder pensar em Vós como minha esposa.*

*Talvez me possam acusar, sendo eu um comerciante de Bristol, de demonstrar uma ambição desmedida ao querer unir-me à Vossa família. Mas Vós mesma haveis afirmado que, nas condições em que Vos encontrais, não podeis dar-Vos ao luxo de escolher. E, embora tenha o meu negócio — seja um «Comerciante», como me atrevo a dizer que Vossa Senhoria me apelidará — trata-se de um negócio «respeitável» e com boas perspectivas.*

*Poderá preocupar-Vos qual a casa onde iríeis morar como minha esposa. Apenas conheceis os aposentos que tenho no meu entreposto, mas em breve mudar-me-ei, com a minha irmã, que continuará a viver comigo, para uma casa cómoda e elegante na melhor zona da cidade, a de Queens Square, que provavelmente Sua Senhoria conhecerá.*

*Quanto aos preparativos e ao dote — assuntos que, naturalmente devem ser tratados entre o Senhor Vosso tio e eu próprio — posso*

*garantir-Vos que serei generoso se tiverdes a amabilidade de receber favoravelmente o meu pedido.*

*Sou sensível à honra que me daríeis e às vantagens que as vossas ligações familiares me proporcionariam. Mas espero também que este meu pedido Vos preserve de uma vida de trabalho totalmente inadequada a alguém com os Vossos talentos delicados e as Vossas ligações aristocratas.*

*Deste Vosso servo obediente,*

*Josiah Cole*

Josiah espalhou um pouco de areia sobre a carta com a mão firme e soprou-a com cuidado. Levantou-se da cadeira, aproximou-se da janela alta e olhou para baixo, vendo os desembarcadouros e a água escura da doca de Redcliff. A maré estava a subir e os navios balançavam suavemente junto ao paredão; ouvia-se um som constante vindo do cordame que ressoava sob o vento suave, mas gélido. Havia um monte de lixo e de fardos abandonados no molhe vazio da Coles e algumas cordas de amarração ainda enroladas no cabeço. Josiah tinha visto o seu navio *Daisy* desfaldar as velas na maré da manhã. Àquela hora já devia ter chegado ao alto-mar, numa viagem que levava a sua esperança. Não podia fazer nada a não ser esperar. Esperar por notícias do *Daisy* e pela chegada do seu segundo navio, o *Lily*, que atravessava lentamente os mares, vindo das Índias Ocidentais com um carregamento de açúcar e rum. O seu terceiro navio, o *Rose*, devia estar a descarregar em África.

Josiah não era, por natureza, um homem paciente, mas fazer comércio apenas com três pequenos navios em seu nome ensinara-o a ser firme nos propósitos e a ter uma paciência infinita. Cada uma das viagens demorava mais de um ano e, quando um navio partia da doca, podia não voltar a ter notícias dele até regressar. Não podia fazer nada para apressar a viagem do *Daisy* nem para ficar mais rico. Depois de ter aprovisionado o *Daisy* e de o ter visto içar as velas, não havia nada a fazer a não ser esperar e olhar para o lixo espalhado na água oleosa do porto. O cheiro peculiar dos seus navios – o do suor causado pelo medo e pelas doenças, ao qual se sobrepunha o intenso odor a álcool e a açúcar – pairava sobre a doca como uma neblina infetada.

Até na roupa de Josiah esse cheiro se sentia ao de leve, impregnando-lhe

igualmente a peruca e a pele. Não se apercebera na entrevista de sexta-feira com Miss Scott de que ela levava várias vezes o lenço à cara para conseguir suportar o cheiro acre do entreposto que dominava por completo os pequenos aposentos por cima do armazém. Aquele odor tornava-se mais forte quando havia um navio na doca.

Olhou para a carta que tinha na mão. Estava escrita com a mesma honestidade e simplicidade com que um homem de negócios escreve quando quer que as suas ordens sejam compreendidas e obedecidas. Nunca tinha aprendido o palavreado aristocrata. Olhou para a carta com um ar crítico. Se ela a mostrasse a Lord Scott, talvez ele a lesse com desdém pelo seu tom direto e claro. Estaria demasiado humilde, ou seria a referência à casa de Queens Square, que afinal ainda não tinha comprado, demasiado pretensiosa?

Encolheu os ombros. A ambição e teimosia que o tinham levado até ali haviam de levá-lo ainda mais longe – até ao convívio com os homens mais importantes da cidade. Sem a amizade deles não conseguiria ganhar dinheiro e, sem dinheiro, não conseguiria comprar amizades. Era um círculo vicioso que negava qualquer futuro a um homem. Os homens importantes mandavam no porto e na cidade de Bristol. Sem eles, Josiah ficaria sempre na parte lateral da doca, à margem do negócio, como uma ratazana na corda de uma força. Miss Scott e o seu tio, Lord Scott, abrir-lhe-iam portas que a sua determinação não bastava para franquear... desde que ela o quisesse.

Frances abriu a carta de Josiah e releu-a pela décima, ou vigésima vez. Guardou-a no bolso do vestido simples e percorreu o chão de mármore do corredor abobadado em direção ao escritório do tio. Bateu à porta e entrou.

Lord Scott levantou os olhos do jornal.

– Frances?

– Já recebi resposta – disse num tom seco. – Do comerciante de Bristol.

– Ofereceu-te o lugar?

Ela abanou a cabeça e tirou a carta do bolso.

– Não faz qualquer referência ao lugar nem a quaisquer alunos. Pediu-me em casamento.

– Por amor de Deus! – Lord Scott pegou na carta e leu-a por alto.

– E qual é a tua opinião?

– Nem sei o que hei de pensar – disse Frances, hesitante. – Não posso continuar em casa de Mrs. Snelling. Não gosto dela e não consigo fazer nada dos seus filhos.

– Podias ficar aqui...

Frances dirigiu-lhe um sorriso breve e triste, exibindo uma expressão preocupada momentaneamente apaziguada por um brilho sagaz.

– Não seja tolo, tio.

Ele respondeu-lhe com um sorriso franco.

– Lady Scott fará o que eu lhe pedir. Se eu lhe disser que ficas a viver connosco, não se fala mais nisso.

– Acho que não iria contribuir para o bem-estar de Lady Scott, nem ela para o meu. – Lady Scott e as suas três filhas tão educadas não iriam gostar de ter uma parente pobre em sua casa, e Frances sabia que não levariam muito tempo a fazer dela sua criada, ainda por cima indesejada e de graça.

– Preferia trabalhar para ganhar o meu sustento.

O tio acenou com a cabeça.

– Tens educação a mais para isso – observou. – O meu irmão devia ter posto de lado algum dinheiro para ti ou ter-te preparado para teres uma profissão.

Frances voltou a cabeça e disse, pestanejando:

– Não creio que tenha morrido de propósito.

– Desculpa. Não era minha intenção criticá-lo.

Frances acenou com a cabeça e limpou os olhos com as costas da mão. Lady Scott teria usado um lenço bordado. Mas Lord Scott gostava dos gestos despreziosos da sobrinha.

– Posso não voltar a ter uma oportunidade como esta – disse Frances, de repente.

O tio concordou. Nunca fora dotada de grande beleza, mas agora, aos trinta e quatro anos, o brilho da juventude desaparecera com os desgostos e desilusões. Não tinha sido educada para ser preceptora e os seus patrões não a tratavam com grande consideração. Lord Scott arranjará-lhe o primeiro emprego, mas, nos últimos meses, vira-a ficar cada vez mais pálida e infeliz. Havia respondido a um anúncio da Cole & Sons, pensando que, na casa de um comerciante de uma cidade próspera, seria um pouco mais bem tratada do que na casa de campo de uma mulher que gostava de rebaixá-la.

– O que achaste dele como homem? – perguntou-lhe o tio.

Frances encolheu os ombros.

– Foi educado e simpático. Acho que iria tratar-me bem. É comerciante; sabe fazer contratos e cumpri-los.

– Não posso fazer um contrato que garanta a tua felicidade.

Frances tornou a esboçar um sorriso meio triste.

– Não espero ser feliz – retorquiu. – Não sou nenhuma pateta. Só espero ter uma vida confortável e um marido que possa sustentar-me. Não me apaixonei; só não quero ser tratada como uma escrava.

O tio aquiesceu.

– Depreendo das tuas palavras que já tomaste uma decisão.

Frances refletiu durante algum tempo e, depois, perguntou:

– Aconselha-me a recusar?

– Não. Não tenho nada melhor para te oferecer e podias sair-te bem pior.

Frances levantou-se e endireitou os ombros, como se estivesse a preparar-se para aceitar um desafio. O tio nunca pensara que a coragem podia ser uma virtude feminina, mas ficou surpreendido com a valentia da sobrinha, que estava a tomar o destino nas suas mãos e a tentar fazer alguma coisa da sua vida.

– Então, vou aceitar – disse Frances. Olhou de relance para ele. – Dá-me o vosso apoio?

– Vou escrever-lhe e analisarei o contrato. Mas, se ele te tratar mal ou se o modo de vida dele te desagradar, não poderei ajudar-te. Serás uma mulher casada, Frances. Serás propriedade dele, tal como são os seus navios ou as suas mercadorias.

– Não pode ser uma escravatura pior do que trabalhar para Mrs. Snelling. Vou aceitar.

Mehuru, muito bem vestido com uma túnica comprida de seda azul bordada e com um bastão na mão, onde estava esculpida a Serpente, a divindade sua guardiã, subiu a colina até ao palácio do Velho Oyo, seguido por Siko.

Seria mais uma reunião plenária do conselho em dois longos meses de reuniões. O Alafin – o rei – estava sentado no trono, e a sua mãe sentada atrás dele. O chefe dos exércitos também estava presente, voltando incessantemente o rosto marcado por cicatrizes de um lado para outro, sempre



desconfiado. Todos os membros do conselho, ao qual competia fazer as leis e aplicá-las em toda a vasta Federação do Império Ioruba, estavam presentes. O superior hierárquico de Mehuru, o sumo-sacerdote, estava sentado no seu banco.

Mehuru entrou de mansinho e ficou de pé, junto ao sacerdote. A discussão já durava há meses, e a questão era tão importante que ninguém queria apressar a decisão. Mas, aos poucos, começava a surgir um consenso.

– Precisamos de armas – disse o velho soldado. – Temos de negociar com os brancos para comprarmos as armas de que precisamos. Sem armas e canhões não posso garantir a segurança do reino. O reino do Daomé, que trocou escravos por armas, está a tornar-se rapidamente o mais importante de todos. Aviso-vos: um dia virão atacar-nos e, sem armas, não conseguiremos sobreviver. É a minha última palavra. Temos de negociar com os brancos: dar-nos-ão armas e, em troca, a única coisa que quererão de nós são escravos. Já não vão querer comprar ouro, nem marfim, nem pimenta. Não aceitarão nada a não ser homens.

Seguiu-se um longo silêncio pensativo. O Alafin, um monarca eleito, voltou-se para o chefe do conselho.

– O que dizes?

O homem levantou-se e fez uma vénia.

– Se deixarmos que o nosso povo fique cativo ou se raptarmos homens a outras nações, bastará uma geração para que fiquemos arruinados. A força do nosso reino assenta na paz. Todas as nações que fazem comércio de escravos assistem a tumultos que não param. Estarão continuamente em guerra com o seu povo e com outras nações. E jamais conseguiremos satisfazer a necessidade de escravos dos homens brancos. Devorar-nos-ão ao mesmo tempo que devoram as nossas vítimas. – Fez uma pausa. – Pensai na nossa história – continuou, num tom persuasivo. – Esta grande nação começou por ser apenas uma cidade. Todas as outras cidades e nações quiseram juntar-se a nós porque lhes garantimos paz e comércio justo. *Temos* de manter a paz dentro das nossas fronteiras.

O rei acenou com a cabeça, e a rainha, sua mãe, inclinou-se na sua direção e sussurrou-lhe qualquer coisa. Por fim, o rei voltou-se para o sumo-sacerdote, o superior hierárquico de Mehuru.

– E qual é a tua última palavra?

O homem levantou-se. Os seus ombros largos, cobertos por uma capa

de finas plumas, não deixaram que Mehuru visse a corte e a expressão séria de todos os presentes.

– É uma ofensa contra os nossos ancestrais afastar um homem da sua casa – disse, para começar. Mehuru sabia que o seu voto era o resultado de muitos meses de meditação e preces. Tratava-se da reunião mais importante que alguma vez haviam tido. Dela dependia o futuro de toda a nação ioruba e até, talvez, o futuro de todo o continente africano. – Um homem deve permanecer em liberdade junto do seu povo, a menos que seja um criminoso. Todos os cidadãos devem ser livres.

Mehuru olhou à sua volta. As expressões eram graves, mas havia cabeças a acenarem.

– É uma ofensa contra a Terra – declarou o sumo-sacerdote. – E um dia há de recair sobre a Terra, sobre os pais, sobre os antepassados e sobre os deuses. É uma ofensa afastar um homem dos seus campos. Por mim, não faremos escravos nem os venderemos. Por mim, o nosso dever é proteger o povo que habita dentro das nossas fronteiras. Devem estar em segurança nas suas terras.

Seguiu-se um longo silêncio, até que o rei se levantou.

– Ouvi o que vou dizer. – As anciãs incumbidas de registarem as decisões do conselho inclinaram-se para a frente para ouvir as palavras do rei. – Eis a decisão do conselho do reino de Ioruba e a minha ordem. O comércio de escravos com os brancos de qualquer nação deve acabar imediatamente. O rapto de escravos dentro das nossas fronteiras é estritamente proibido. Não garantimos a segurança de quaisquer brancos ou de ninguém que venha a mando deles para raptar escravos. É autorizado o comércio com as nações de homens brancos que queiram negociar ouro, marfim, peles, artigos de bronze e especiarias.

Ouviu-se um murmúrio de aprovação, e o rei voltou a sentar-se.

– Agora – acrescentou, com um sorriso triste –, já temos a lei. Basta aplicá-la, quando os negreiros brancos ameaçarem as nossas fronteiras a ocidente e quando os navios dos brancos cruzarem a nossa costa a sul.

Mehuru inclinou-se para a frente e segredou qualquer coisa ao sumo-sacerdote, que acenou com a cabeça e se levantou.

– O *obalawa* Mehuru fez uma sugestão – disse. – Que nós, os sacerdotes, mandemos enviados pelo país e às cidades para explicarem ao povo porque estamos a recusar este negócio lucrativo. Há algumas cidades que

já estão a fazer grandes fortunas com este negócio. Temos de as persuadir de que não serve os nossos interesses. Não basta declará-lo ilegal.

O rei fez um gesto de assentimento com a cabeça.

– Confio essa missão aos sacerdotes – declarou. – Transmitiremos as ordens aos conselheiros locais, até à mais pequena das aldeias. – Lançou um breve sorriso a Mehuru. – Podes organizar essa expedição – concluiu.

Mehuru fez uma grande vénia, escondendo a sua expressão de triunfo. Iria até à ponta mais a norte do reino de Ioruba, falaria com as populações das cidades fronteiriças e havia de convencer todos de que a escravatura tinha sido abolida. Prestaria um serviço muito importante ao seu país e, se a sua missão fosse bem-sucedida, ficaria famoso e faria fortuna.

– É uma honra – disse, respeitosamente.